

# Festa medrosa e protesto equívoco

CANDIDO MENDES\*

País já assaltado pela imitação, não merecíamos que a grande festa do nosso meio milênio de ocidentalização terminasse na caricatura ou, senão, na água de barreira da superefeméride prevista pelo governo. De saída fica o hamletismo do presidente, hesitando entre o possível fracasso à exposição popular ou manter-se no mosteiro da reserva cívica que lhe dita este momento de vacas magras. De tenteios e arrufos, dúvidas e arremetidas, decorreu essa imploração da festividade, coartada entre palcos equívocos e protestos inseguros, entre a autenticidade e o exotismo pobre.

Nesse jogo incerto alegrou-se o general Cardoso que o confronto não teve baixas, pela saporiedade dos desvios de rota das marchas e a disposição logística do aparelho repressor, com laivos e couraças de Primeiro Mundo, no mato ralo da Costa dos Descobrimientos. Só há a nos felicitar-mos da lição, decorrente do horror do confronto da Novacap em dezembro último e, esperamos, da última morte vinda desse excesso da máquina de intimidação e ainda de balas reais, no difícilíssimo experimento de contenção democrática do mais que democrático protesto popular. E os temores chispeavam, já que a prova dos nove se dava no coração mesmo dessa cultura baiana dos sangues quentes e das represálias na hora. Afinal, o cacique pataxó, dias antes, em pleno santo dos santos do Senado, apontara a seta – com confessado ânimo doloso – ao outro cacique à paisana, presidente da Casa e senhor do mais forte tacape político nacional.

Fica esse mal-estar difuso do pós-22 de abril, num *day after* que, afinal, levou ao comentário de sempre lá fora, de mais uma evidência do Pindorama, país da violência, já entre o inveterado e um começo de folclórico. As manchetes cansadas levantam, sobretudo, essa sensação do

repetitivo, sobretudo o que já se disse sobre os descobrimientos e a polêmica refogada que se abre na sua esteira. Já viveu toda América Latina as denúncias e defesas da celebração do feito de Colombo, para que tenhamos que voltar aos estereótipos sobre o começo da história do Brasil; achamentos ou destruições; sufocações ou sínteses felizes; restaurações fósseis ou reivindicações autênticas pelo verdadeiro pluralismo de etnias e de identidades no país. Só que, no caso, a própria iconografia e os lances egrégios do espetáculo abortado exacerbaram mais esse bis e o *deja vu* do que celebramos ou confrontamos, nestes dias. Não convencem, nem o franciscano ajoelhado de costas, lenço rubro à cabeça, nem o índio de bermudas de vitrine frente à tropa, na imitação do gesto único do estudante chinês, aí, sim, para valer, diante dos tanques de munição cheia da Praça da Paz Celestial. E, na sua ira colorida, Matalauê repetiu – e aí, sim, para valer – a fala desassomburada do índio Marçal Guarani, no balcão de Manaus – e morto depois, como sabia, pela sua audácia – diante de um Pontífice, no esplendor de sua força, em 80.

Teria tudo isso sido evitado, pela outra opção, nos milímetros de que dependeram as decisões finais de FH, do gesto à frente e do encontro do povo indígena, como programado em Coroa Vermelha? Valeu a clausura, numa Versailles de barro e papel machê, embastilhada em Porto Seguro, recuada ao exorcismo melancólico do milionésimo plantio de mudas de pau-brasil, no Pindorama? Do mal-estar vamos, por força, a uma perplexidade, no que permite o balanço da solenidade gorada. Não se propagou a escaramuça ao sem-terra, não se sabe se, frente à repressão, ou, de fato, pelo atilado de suas lideranças, diante da equivocidade do quadro de protesto, subsequente a tantas colheres postas no prato da efeméride. E viu-se a Igreja, mola

principal da nossa sociedade civil, também atônita, após a fala de Matalauê, entre sancionar o recado ou pedir perdão, como fez o bispo local, diante da segunda persona da Santa Sé, o cardeal Sodano. E mais preocupa ainda o povo fiel essa unanimidade em que o Conselho Indigenista da própria CNBB fechou a sua posição em torno do que, afinal, entre tantas idas e vindas da festa primordial, leu-se na pauta da reivindicação consequente, pelas exigências constitucionais de demarcação da terra índia. Demitiu-se nesse vaivém de confusões Carlos Marés, genuíno indianista e trazendo a assinatura de seu sacrifício, ainda, à recuperação da seriedade do evento.

De toda forma, da confrontação equívoca, emerge o ímpeto do presidente, de sair do exílio do cotidiano, frente ao que via como jogo feito e tranqüilo de suas maiorias, diante do salário mínimo, e da escaramuça de tupis e tamoiós, unidos oposições e PFLs, para a escalada aos 171 reais. Quase perde o Planalto, no inesperado da votação que deveria, de vez, consagrar a remuneração do trabalhador brasileiro. Um desejo de vir às falas parece surgir, agora, num presidente que não renega mais o conflito, e vai à guerra. Se a antropofagia parlamentar ainda existe, esta é a derrubada a tacape e *Diário Oficial* das tribos rebeldes. Venha-nos a cobrança dos corpos e ossos dos beneficiários dos cargos públicos, nascidos das celebrações precárias da paz e luta entre os caciques de Brasília. Os fatos, as gafes, os imbróglis, os contra-scripts, os bufos e choros de Porto Seguro, afinal, nos deram – para o espetáculo nacional de um governo à frente, de vez, do que quer – um presidente pintado de urucum.

\*Presidente do Senior Board do Conselho Internacional de Ciências Sociais (Unesco), membro da Academia Brasileira de Letras e da Comissão de Justiça e Paz

Fonte	Documentação
DATA	5/3/2000
Pg	9
Class.	273